

Transcrições

Ubirajara Rancan de Azevedo Marques

Como citar: MARQUES, U. R, A. Transcrições *In* : SOUZA, R., RANCAN, U.(org.). **Transcrições**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p.99
DOI:<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-284-0.p99>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

TRANSCRIÇÕES⁴

Ubirajara Rancan de Azevedo Marques

Não sei se essas imagens parecerão conter objetividades sempre identificáveis; o que me parece é que figurativizar tais imagens será o mesmo que desalmá-las

Um olhar simplista tem por hábito buscar, na imagem que for, uma representação objetiva, mesmo ou sobretudo quando lá não haja rigorosamente nada assim. Tendo por critério as coisas do mundo e sua representação [coisas que lhe são não só uma referência familiar, mas um limite imagético], esse olhar vai às imagens como que para nelas de pronto rever a representação de algo já conhecido.

Encontrando a objetividade costumeira, nela se reconhece, por meio dela se reafirma. Com tal reconhecimento, tal reafirmação, esse olhar certifica as imagens que encontra, fazendo com que elas [quando por si mesmas não o sejam] passem a ser imagens simplificadamente figurativas.

A mirada recognoscitiva, autorreferente e pretenciosa desse olhar não para, nem repara na autonomia da imagem, não sentindo, não imaginando, não pensando com, nem a partir dela, mas somente sobre ela.

Antes se lia muito, e então se imaginava o que não se via, o que não se podia facilmente ver, e mesmo o que jamais se tornaria visível durante toda uma vida; hoje, com bem menos leitura, a imaginação está preferencialmente circunscrita à imagem-cópia, à imaginação reprodutiva, não à imaginação nalguma medida produtiva.

Em tempos de autoconfinamento, de inundação por imagens digitais, será ainda mais comum procurarmos no que vemos o mundo do qual, em boa medida, fomos compulsoriamente apartados.

No âmbito da fotografia, esse olhar insistentemente figurativo termina por reproduzir—de caso pensado ou não—o parecer—tão presente nas primeiras décadas da nova invenção—de que a arte, em tal caso a pintura, de fato cria; já a técnica, em tal caso a fotografia, somente recria.

Ir à imagem fotográfica com a prévia intenção de nela reencontrar o conhecido é certificá-la como imagem-cópia, certificar a fotografia como técnica de fixação de uma imagem-cópia.

Obviamente, há setores de atuação da fotografia nos quais ela absolutamente não deve ter nenhuma autonomia criadora; por exemplo: a fotografia médica; a antropologia visual; a astrofotografia; a fotografia forense. Nesses setores, qualquer autonomia do sujeito—autonomia, em tal caso, técnica, não propriamente autoral—estará de antemão subordinada ao princípio anteriormente estabelecido de máxima objetividade; vale dizer: de máxima figuratividade.

Não atuando em nenhum de tais setores, nem submetendo servilmente minhas garatujas imagéticas a modelos pré-definidos de minúcia, fidelidade, nitidez, objetividade, o que tenho no horizonte é a fotografia nomeada “autoral”.

Frente às exigências desse horizonte e com um equipamento relativamente modesto, o trabalho de edição acaba por representar uma importante etapa na produção final das imagens que obtenho.

Se, por um lado, a edição não opera nenhum milagre, não substituindo o equipamento que não se tem, ela, por outro, amplia possibilidades, e a um ponto tal que o que tenha sido captado na origem, ao fim e ao cabo do tratamento de imagem pode vir a ser como que *transcriado*.

As imagens constantes desse livro, sem formarem nenhuma unidade temática, remetem em sua maior parte ao campo fotográfico que hoje mais me estimula: o da fotografia abstrata.

Não sei se essas imagens parecerão conter objetividades sempre identificáveis; o que me parece é que *figurativizar* tais imagens será o mesmo que *desalmá-las*.

No âmbito das redes sociais, muita imagem tida por abstrata é somente a representação fotográfica de obras de arte ou de coisas independentes das imagens que as representam; com esse tipo de fotografia, minhas imagens nada têm a ver.

Quer pareçam, quer não pareçam conter objetividades identificáveis, essas minhas imagens podem dar a [falsa] impressão de serem captações de coisas, coisas que, do modo como se encontram nessas imagens, seriam objetivamente independentes delas; por hipótese, coisas como: pinturas, desenhos, peças, ou mesmo imagens fotográficas alheias, coisas cujas efetividades independentes poderiam ser tomadas como objetos representados nas fotografias que exhibo.

Mas nenhuma dessas minhas imagens é como tal a captação de coisas que independentessem de qualquer uma delas; do modo como aqui aparecem, as subjetivações expostas nessas imagens não são a representação de coisas efetivas, objetivamente distinguíveis das fotografias que supostamente as reproduzissem.

Não sendo captações de objetos com vida própria, elas são transcrições resultantes do trabalho de edição de imagem, a partir de objetividades originais efetivas, autônomas, tangíveis.

Para a maioria das imagens aqui mostradas, tal como elas se apresentam, não há nenhuma objetividade de apoio originalmente reconhecível; qualquer que seja a objetividade que nelas se queira encontrar, ela será sempre derivativamente alusiva, aposta, nunca previamente definida, ou, de certo modo, imposta; sempre uma objetividade reprodutivamente imaginada cuja identidade alusiva será de saída provisória.

Com isso, se nalguma medida atraírem, as subjetivações transcriadoras de tais imagens não atrairão autenticamente por representarem objetividades de pronto identificáveis, mas por, partindo de elementos objetivos antes reconhecíveis, abrirem-se agora para o não-determinado, o não-figurativo, o não-identificável.

Mesmo que nelas se aponham objetividades alusivas, as imagens que as contenham parecerão lançar-se para além disso, sem que de antemão se possa reconhecer o suposto preciso alvo de tal alcance. Prova de que assim será é olhares mais ou menos simplistas nelas provavelmente encontrarem diferentes objetividades alusivas.

O que tanto me estimula na fotografia abstrata é o exercício da imaginação produtiva, seja pelo autor que transcria, seja pelo espectador desfrutante. Há uma sintonia aberta— não pré-fixada, não direcionada, não determinada, mas ao nível da imaginação produtiva de cada um, e, portanto, construível—entre fotógrafo e objeto primário, autor e subjetivação transcriada, espectador e “objetividade” segunda.

Não estou afirmando que só imagens abstratas permitam tais relações sintônicas; penso que toda e qualquer imagem sempre leva a algum tipo de relação sintônica entre fotógrafo e objeto captado, autor e obra, espectador e objeto desfrutado. O que eu diria, para estabelecer uma distinção em nível somente elocutivo, é que a fotografia como um todo convida, ao passo que a fotografia abstrata—especialmente ela—convoca para um exercício interpretativo, imaginativo, libertador.

Não sendo reprodutivo-figurativa, mas transcriadora em relação à objetividade original de que eventualmente tenha partido, a fotografia abstrata impõe ao espectador, não uma imagem [como de certo modo no caso da fotografia não-abstrata], mas a necessidade de uma atitude—se não mesmo de um confronto—, retirando-lhe o bem-estar de uma pré-conformidade tácita; ela exige do espectador que ele interrompa a simplificação habitual com que aborda a imagem fotográfica, a inteira fotografia.

Diante das imagens aqui exibidas, se o espectador comportar-se de maneira simplista, nelas buscará—e encontrará, mesmo que isto nelas não esteja—o que já lhe seja conhecido, a fim de tão só o reconhecer.

Nessas imagens, algumas das objetividades originais foram destituídas de sua índole utilitária primeira, tornando-se objetividades segundas, que, alusivas, redundaram no “objeto” pelo qual, por meio delas, serei eventualmente atraído, pelo qual nelas encontrarei algum comprazimento. Essas “objetividades segundas” são o resultado de um processo de subjetivação transcriadora, marca autoral de tais imagens, imagens que, portanto, já não dependem das objetividades primeiras que lhes foram ocasião, não causa.

Essa mesma subjetivação transcriadora é a fonte da sintonia que possa haver entre tais imagens e o espectador sem simplismo que as contemple, num convívio que, não devendo tornar-se exercício de reconhecimento de objetividades, abriga uma proposta intersubjetiva.

Em tais imagens, o abandono é total: nenhuma objetividade primeira vindo ao meu encontro, elas resultam em composições que vêm de encontro a mim, confrontando o simplismo de meu olhar. Se o confronto for aceito, minha imaginação será convocada a produzir uma sintonia entre mim e a imagem; se recusado, eu pura e simplesmente a abandonarei, ou tentarei fazê-la enfatizar a suposta objetividade primeira que—em tal caso, em vão—ela buscou transcriar.

É [ainda] fotografia? Do ponto de vista material e técnico, tendo em vista o instrumento óptico com que são captadas as coisas *transcriativamente* exibidas, minhas imagens são imagens fotográficas. Já do ponto de vista do que caracteriza o resultado objetivo final em imagens, a *transcriação* de que elas são alvo parece conferir-lhes um alcance,

que, se não absolutamente atípico, não será propriamente típico do universo fotográfico habitual.

A intenção não é registrar esta ou aquela coisa objetivamente distinguível, entre cuja imagem mental e sua respectiva imagem fotográfica sempre há uma bem mais do que suficiente continuidade objetivamente imagética, mas desconstruir a objetividade primeira, abolir ou pelo menos ocultar o referente que nalgum momento era o que objetivamente a identificava. Numa palavra: trata-se de, subjetivando-a maximamente, desobjetivar a imagem. Nesse sentido, o caminho inverso do que em seus primórdios caracterizou toda a fotografia, e desde então caracteriza boa parte dela.